

LITERATURA MOÇAMBICANA: ORIGENS

D. de Moz. 3/10/87

DE UMA LITERATURA ORIGINAL

A literatura moçambicana escrita é consequência da ocupação colonial, não só porque da língua do colonizador fez uma arma ao seu serviço, ao serviço do anticolonialismo, mas também porque a sua originalidade se fortaleceu ao mesmo ritmo que se fortalecia o desejo de emancipação de todo o povo.

Essa originalidade, que distingue a nossa literatura dos modelos da antiga metrópole e que lhe confere uma identidade própria, baseia-se numa moçambicanidade que se edificou através da recusa da aculturação, da denúncia do colonialismo, da escolha de temas concretamente moçambicanos, da revolução no interior da própria linguagem (ao aproveitar-se literariamente de vocabulário e de construções sintáticas do falar popular).

Nos finais do séc. XIX, o ensino, a imprensa e a actividade editorial, fundamentais ao desenvolvimento da literatura, eram de tal forma insignificantes e elitistas que a pouca produção literária dessa época dificilmente se pode considerar de raiz moçambicana.

Só nas primeiras décadas deste século, apesar das dificuldades impostas pela repressão e pela censura cultural, despontou e se foi consolidando, no seio de alguns intelectuais moçambicanos, a necessidade de intervenção social, de crítica e de denúncia de muitas injustiças, que cedo conduziram a uma assumida moçambicanidade e, mais tarde, a uma clara consciência nacionalista, própria de uma literatura insubmissa, independente e original.

Na poesia, o precursor dessa literatura de raiz moçambicana foi Rui de Noronha. A sua obra, fortemente marcada por uma vida difícil e angustiada, está dispersa pela imprensa dos anos trinta, nomeadamente o jornal «O Brado Africano». SONETOS, o seu único livro, foi publicado postumamente, em 1943, e nele parece

que muitos poemas foram adulterados. Muito influenciado pelos modelos portugueses (os moçambicanos ainda não haviam surgido), Rui de Noronha demonstra, apesar disso, conhecer e sentir a dor do seu povo, a realidade dramática do colonizado. Não a denuncia abertamente, mas exprime-a com timidez e sinceridade, mostrando sentida adesão ao sofrimento do negro. Por essa razão, considera-se justamente que a sua obra antecede «(...) em cerca de dez anos, o arranque, definitivo, para a construção de uma poesia de autêntica raiz moçambicana».

In «Xiphêfo», n.º 0, Agosto/87